

# A INFLUÊNCIA DAS PRIVATIZAÇÕES DOS SETORES SOCIAIS NO PREÇO DA MÃO-DE-OBRA

*Palavras-Chave:* Privatização; Contradição; Teoria do Valor Trabalho; Setores Sociais.

*Lúcia Maria Goés Moutinho*<sup>\*</sup>  
*Cassius Rocha de Oliveira*<sup>\*\*</sup>  
*Patricia Franzoni de Oliveira*<sup>\*\*</sup>

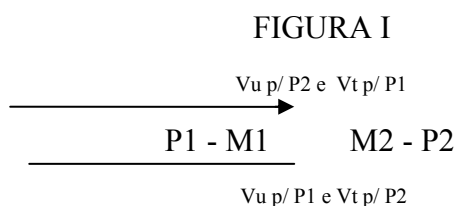
## RESUMO

Este artigo analisa de que forma as privatizações dos setores sociais contribuem para o aumento do preço (valor de troca) da força de trabalho. O texto apresenta como esse valor vem sendo calculado historicamente e quais são os parâmetros que o definem. Na seqüência, é feita a correlação entre os componentes do valor de troca da força de trabalho e suas privatizações, demonstrando a contradição capitalista em pressionar a saída do Governo desses setores fazendo com que aumentem os custos com a força de trabalho. A análise é feita com base na Teoria Marxista do Valor.

## TEORIA DO VALOR

Iniciaremos a análise numa sociedade hipotética onde só existem produtores de mercadorias<sup>1</sup>. Como estas não são produzidas para o autoconsumo, um produtor hipotético P1 produz uma mercadoria M1 para levá-la ao mercado e trocá-la por outra de seu interesse, logo, esta mercadoria é um não Vu (não valor de uso) para P1 que só está interessado no Vt (valor de troca) da M1, neste caso o interesse do P1, isto é, o seu Vu (valor de uso) está expresso em outra mercadoria M2 produzida por um outro produtor P2, o mesmo ocorre com M2 que só tem Vt (valor de troca) para P2, que por sua vez expressa seu Vu (valor de uso) na M1. Também, por hipótese, ainda não existe dinheiro nesta sociedade (seguindo o método marxista, as variáveis serão introduzidas no decorrer da evolução do texto).

Equacionando a troca, temos:



<sup>\*</sup> Doutora em Economia pela FGV-SP e Professora do Mestrado e do Departamento de Economia da UFPB - João Pessoa. <sup>\*\*</sup> Graduados em Economia pela FURG/ RS e Mestrados em Economia da UFPB - JP.

<sup>1</sup> Para ser considerada uma mercadoria, pela Teoria Marxista, o objeto concreto ou abstrato não pode ter sido produzido para o auto-consumo e sim para ser levado para o mercado.

A figura 1 ilustra a relação de troca em uma sociedade pré-capitalista onde ainda não existia dinheiro e nenhum equivalente geral, mostra também o par de contrários dialéticos<sup>2</sup> formados por Vu e Vt existentes na mercadoria que é a unidade de contrários. Se a mercadoria fosse um conjunto, nela estariam contidos os subconjuntos: Vt, que poderíamos chamar de “A”, e Vu, que poderíamos chamar de “Não-A”, logo o valor, que é o terceiro elemento e será chamado de “B”, ora se manifesta sob a forma de Vt, ora sob a forma de Vu, nunca sob as duas formas simultaneamente.

O fator que determina a forma de manifestação do valor de uma mercadoria é o fato dela estar sob a forma ativa ou passiva. Se a mercadoria M1 inicia o processo de troca, encontra-se sob a forma ativa, logo é um não Vu para o seu produtor P1 que só enxerga o seu Vt. A outra mercadoria M2 que compõe a troca faz o papel passivo, nela está expresso o Vu do produtor P1 que assumiu a forma ativa na troca, mas para o seu produtor P2 possui apenas um Vt, já M1 possui um Vu para o produtor P2. Nunca Vt e Vu manifestam-se simultaneamente na mesma mercadoria.

Seguindo o método de análise utilizado por MARX em sua crítica a economia capitalista, podemos identificar a utilização de outros pares de lógica formal como: forma e conteúdo, essência e aparência. Por exemplo: O valor de uma mercadoria pode se manifestar como Vt ou como Vu, isto é, o valor é o conteúdo com duas formas de manifestações.

Com a evolução da nossa simplificada e primitiva sociedade surge a necessidade da existência de um equivalente geral, isto é, uma mercadoria de ampla aceitação que facilitasse as trocas, dado que nem sempre a mercadoria que o indivíduo “A” tem a oferecer agrada ao indivíduo “B” que possui a mercadoria que satisfaz as necessidades do “A” e assim sucessivamente, logo um equivalente geral tornou-se indispensável para a evolução da sociedade.

Historicamente, tivemos como equivalentes gerais: gado, sal, conchas, etc, até chegar no ouro, que por suas características especiais tornou-se o mais importante objeto usado como equivalente. Posteriormente, para diminuir o risco de se fazer as transações diretamente com ouro, começaram a emitir papéis que representavam quantidades específicas em ouro, até que em meados deste século o dinheiro perdeu o lastro em ouro.

A partir de agora vamos introduzir na nossa sociedade hipotética, pulando os equivalentes históricos, o D (dinheiro). Logo, equacionando nossa relação que agora trata de uma sociedade de produtores capitalistas de mercadorias, isto é, produzem mercadorias para vendê-las<sup>3</sup> por dinheiro e com isso poder comprar as mercadorias que lhes sejam Vu, temos:

$$\begin{array}{l} P1 M1 \text{ ----- } D \text{ ----- } P2 M2 \\ aM1 \text{ ----- } D \text{ ----- } bM2 \end{array}$$

a, b = são parâmetros de quantidade.

Prolongando a equação, temos que:

$$D \text{ ----- } M \text{ ----- } D$$

<sup>2</sup> Categoria filosófica da lógica formal, onde para se demonstrar uma contrariedade é necessário existir uma unidade de contrários e que dentro existam dois subconjuntos que se completam e se excluem mutuamente, além disso é necessário um terceiro elemento que as vezes se manifeste como cada um dos subconjuntos, nunca pode se manifestar simultaneamente igual aos dois quando a contradição está em movimento.

<sup>3</sup> Com o aparecimento do dinheiro surge um novo par de contrários entre comprador e vendedor, note que no mesmo ato de circulação o indivíduo não pode ser simultaneamente vendedor e comprador, mas os dois completam o ato de circulação do capital.

Essa relação mostra o objetivo capitalista de conseguir e acumular “D” conforme a equação acima. Qual o sentido de ter “D”, trocar por “M” e depois recuperar o mesmo “D”? A solução é que o “D” final é diferente do inicial, logo:

$$D \text{ ----- } M \text{ ----- } D' \quad \text{sendo } D' = D + \Delta D$$

A equação acima gera outra dúvida: onde e como é gerado o  $\Delta D$ <sup>4</sup>? Para entender esta aparente mágica temos que observar o processo de produção capitalista dentro da fábrica. Lá dentro observamos que para o “D” ser diferente do “D’”, a “M” não pode ser a mesma, logo:

$$D \text{ ----- } M \rightarrow P \rightarrow M' \text{ ----- } D'$$

onde: P = produção.

Essa transformação da M em M’ ocorre nas relações de produção. Os componentes dos fatores de produção (FP) são: matérias-primas (MP); máquinas, equipamentos e instalações (ME); e a força de trabalho (FT). Logo, temos que:

$$D \text{ ----- } M \text{ ..... } \begin{array}{|c} MP \\ ME \\ FT \end{array} \text{ ..... } P \text{ ..... } M' \text{ ----- } D'$$

Sendo assim, um dos três componentes é o responsável pelo acréscimo de valor na M’. Veremos como cada um transfere seu valor para a M através da composição de seu custo e de seu preço final. Para facilitar a compreensão, vamos observar como um capitalista pensa ao compor o preço de suas mercadorias: ele diria que X de MP + Y de ME + Z da FT, logo X+Y+Z seria o seu CT (custo total), com isso o preço final tem que ser CT +  $\Delta V$  que poderia ser chamado de lucro do capitalista, mas de quanto é a taxa, seria esta uma taxa aleatória? Quem cria o lucro, que é o acréscimo de valor sofrido pela M? Essa questão será respondida posteriormente. Outra questão que passa pela cabeça do capitalista é a ordem da seqüência dos FP, ou seja, o que adquirir primeiro: máquinas, matérias-primas ou trabalhadores? Para o capitalista é óbvio que seja comprado primeiro as máquinas e equipamentos, porque só começarão a repassar seus valores para as mercadorias (depreciação) quando forem utilizados. Em segundo lugar, vem as MP que podem ficar guardadas sem repassarem seu valor. Somente por último pode ser adquirida a FT, já que os salários tem que serem pagos a partir do momento do contrato, independente do uso, logo só é contratada para começar a produção.

Note que a fábrica não pode começar a funcionar enquanto a FT não é adquirida; logo as MP, as máquinas e os equipamentos não podem sozinhos criar uma M’ (nova mercadoria), por isso vamos deter a nossa análise no processo de transferência de valor provocado pela FT.

## O VALOR DA FORÇA DE TRABALHO

Para MARX, a FT é a mercadoria<sup>5</sup> do trabalhador, porque é através dela que ele consegue o dinheiro para o seu sustento, com isso aplicam-se a FT toda a metodologia

<sup>4</sup> Estamos partindo do princípio de honestidade entre as relações capitalistas, logo não é admitida a hipótese de se comprar uma mercadoria e vendê-la por um valor maior sem ter feito nenhuma alteração na mercadoria.

<sup>5</sup> Será descartada a hipótese de que a FT seja o capital do trabalhador como pregam muitas teorias. Jamais a FT pode ser o capital do trabalhador, porque quem determina o seu valor é o capitalista, não sendo possível para o

utilizada para descrever o processo de outros tipos de mercadorias como as categorias da lógica formal, par de contrários entre  $V_t$  e  $V_u$ , etc; logo o ato de compra e venda da FT também é realizado como nas mercadorias comuns.

A questão chave é: como é calculado o  $V_t$  e o  $V_u$  da FT e por qual dos dois ela é negociada?

O  $V_t$  da FT é dado historicamente pelo valor de subsistência da mão-de-obra, isto é, o necessário para a classe trabalhadora sobreviver superando as necessidades básicas da vida humana como: alimentação básica, educação, saúde, previdência social, e lazer mínimo. Esses fatores compõem o  $V_t$  da FT. *E é por este valor que a FT é negociada.* Note que não há nenhuma desonestidade no ato em que o capitalista compra a mercadoria FT pelo seu  $V_t$ , isso ocorre com todas as mercadorias.

Por outro lado, o comprador está em busca do  $V_u$  da mercadoria e isso também ocorre com a mercadoria FT. *O capitalista compra-a pelo seu  $V_t$ , que é calculado pelo seu valor de subsistência, porém ao entrar na fábrica a mercadoria FT é utilizada pelo seu valor criador, pela sua capacidade de criar um novo valor, um mais valor, isto é, pelo seu  $V_u$ .* Sempre o valor gerado pela FT é maior que o seu próprio  $V_t$  e isso é a própria lógica capitalista.

$$\mathbf{V_u-FT > V_t-FT}$$

$$\mathbf{V_u-FT = \psi V_t-FT}$$

onde:  $\psi \geq 1$  ou  $(1+m)$ ;  $m =$  mais-valia.

A diferença entre os dois valores é o fato que permite com que os capitalistas acumulem capital, já que as MP e as ME apenas transferem seus valores para os preços. A FT realiza essa transferência de valores para as mercadorias, além disso produz um valor que paga o seu preço, isto é, o seu  $V_t$ ; e ainda cria um valor extra, um mais valor, ou como MARX chamou: uma mais-valia ( $m$ ), que também pode ser chamada de  $\Delta V$ , isto é, o valor que o processo de circulação do capital ( $D---M....P....M'---D'$ ) cria a cada ato de circulação. Logo,  $\Sigma\Delta V$  é o total do valor acumulado pelo capitalista.

Em suma, essa é a lógica do capital, demonstrada por MARX em sua crítica à economia capitalista escrita em “O Capital” e em outras obras que escreveu, logo qualquer atitude capitalista que contrarie essa lógica pode ser considerada uma contradição por esta teoria como, por exemplo, a que será demonstrada neste artigo.

Ampliando o processo fabril, temos que:

$$M \dots \left| \begin{array}{c} MP \\ \beta ME \\ FT \end{array} \right| \dots P \dots M' \quad \text{onde: } M' = M + \Delta V.$$

$$\beta = \% \text{ depreciação.}$$

Vimos que o responsável pelo acréscimo de valor na  $M$  é o valor gerado pelo  $V_u$  da FT e que o preço da  $M$ , que é a expressão de seu valor, é função das seguintes variáveis:

---

trabalhador aumentá-lo por vontade própria. Logo, não se enquadra no conceito marxista de capital. “Com a circulação, o dinheiro torna-se dinheiro em movimento, valor em movimento e como tal, capital”, ou seja, a cada processo de circulação vai sendo criado um mais valor, que permite a acumulação capitalista. Isso não é possível com o salário do trabalhador, já que este é calculado pelo seu valor de subsistência ( $V_s$ ), o que não lhe permite, sob hipótese alguma, acumular e se tornar capitalista (o  $V_t$  é a imagem do  $V_s$ ).

$$p = MP + \beta ME + Vt + m$$

onde: p = preço.

A transferência de valores dos FP para os preços é feita da seguinte forma:

$$\frac{\mathbf{FP}}{\mathbf{MP}} \rightarrow \frac{\mathbf{p}}{\mathbf{MP}}$$

$$\beta ME \rightarrow \beta$$

$$FT - Vt \rightarrow FT$$

$$FT - Vu \rightarrow \Delta V$$

Sendo que somente os três primeiros itens dos FP compõem o custo, quanto maior for o valor criado, isto é, quanto maior a diferença entre o  $Vt$  da FT e o valor criado por ela, através da exploração do seu  $Vu$ , maior será o lucro unitário do capitalista.

## A CONTRADIÇÃO DAS PRIVATIZAÇÕES DOS SETORES SOCIAIS

Uma das principais hipóteses deste artigo é a de que o percentual da renda que é cobrado em impostos é independente do volume de serviços prestados pelo Governo (como está ocorrendo atualmente em muitos países), isto é, tem diminuído a atuação do Governo sem ocorrer uma diminuição proporcional nos impostos. Com isso, não será levado em conta a lógica de que quanto mais impostos são cobrados, mais serviços serão prestados pelo Governo. Esse fato pode ser explicado dado que muitos impostos servem para pagar dívidas, juros e outros compromissos financeiros que não necessariamente se transformam em serviços prestados pelo setor público. Esta hipótese é colocada pelo fato de que os serviços públicos são financiados em grande parte por impostos, o que seria um custo para os empresários, mas neste caso eles teriam que pagar tributos independente da quantidade de serviços prestados pelo Governo.

Não será abordado, por razões óbvias, a visão crítica que os trabalhadores têm quanto à privatização dos setores sociais, será analisada a visão puramente capitalista sobre o problema que foi levantado.

O  $Vt$  da FT é calculado com base no mínimo dos fatores (saúde, previdência, educação, alimentos e moradia) necessários para perpetuar uma classe trabalhadora produtiva com condições de criar o maior valor possível e é, também, por este valor de subsistência que é negociada a sua compra pelo capitalista, **logo trata-se de um paradoxo privatizar esses setores e com isso aumentar o preço dos fatores que compõe o valor de troca da FT, sendo este um dos maiores componentes dos custos de produção.**

A contradição de comportamento do sistema capitalista que vem ocorrendo nas últimas décadas é o fato de existir uma grande pressão mundial para que os Governos privatizem também os setores sociais, tamanha é a ganância do capital privado. Este é um fato compreensível no sistema em que vivemos, o que os capitalistas não enxergam é que estão tentando impedir que os Governos ofereçam os principais componentes do custo da FT, fato

que diminuiria seus custos, logo estão pressionando indiretamente um aumento nos próprios custos.

Com o decorrer dos tempos, o valor de subsistência sofreu evoluções. Inicialmente, a exploração era muito intensa, era extraída uma grande massa de mais-valia absoluta, dado a grande intensidade do trabalho e também mais-valia relativa, dado o progresso técnico constante que permitia o aumento da produtividade. Associado a isso, tínhamos o início da exploração do trabalho infantil e feminino nas fábricas, já que com o surgimento das máquinas à vapor, a força do homem estava dispensada. Com o passar dos anos houve muitos conflitos por salários e condições de trabalho, entre capitalistas, trabalhadores e o Governo. Passados cinco séculos de história, os trabalhadores pouco conseguiram em relação aos primórdios das lutas de classes, houve uma diminuição da jornada de trabalho, aumento nos benefícios concedidos ao trabalhador, mas isso só ocorreu pela percepção dos capitalistas de que o trabalhador produz mais sob essas novas condições. É importante salientar que o salário nunca vai ultrapassar o nível necessário (que chamarei de BREAK CLASS) para permitir que o indivíduo se torne capitalista. Para isso seria preciso condições para sucessivos saltos qualitativos até que fosse possível o salto quantitativo que permitisse ao indivíduo se tornar dono do próprio capital e com isso tornar-se concorrente do próprio capitalista. É como se ele criasse o próprio inimigo. Ao ultrapassar o BREAK CLASS o indivíduo mudaria de classe. Note que isso é contra a lógica do capital e é um fator decisivo no sucesso do capitalista. Com isso, está provado de que o Vt da FT nunca foi escolhido aleatoriamente, mas sim bem calculado e planejado para que se consiga manter a classe sempre abaixo do BREAK CLASS, mas não muito abaixo para que não haja perda nem de produtividade nem de demanda agregada. Isso prova que os setores: saúde, educação e previdência, por comporem e influenciarem o custo e a produtividade do sistema são de extrema importância para o capitalista. Logo, se fossem oferecidos gratuitamente pelo Governo seria bastante econômico para o capitalista em termos de custo (baseado no valor de subsistência).

O setor da saúde é de extrema importância para o capital, as conseqüências de um trabalhador doente ou vulnerável a doenças seria terrível para o empregador. O setor de previdência social é mais importante para o trabalhador, mas sem dúvida uma certa dose de tranquilidade quanto a sua velhice se manifesta sob a forma de um trabalhador mais produtivo e com mais vontade de trabalhar, ou seja, a incerteza quanto ao futuro provoca um certo tipo de descontentamento e revolta por parte dos trabalhadores, o que com certeza não é bom sob a ótica do capital. Esse tipo de mudança comportamental pode ser explicada por fatores psicológicos subjetivos (revoltas, intranquilidade, nervosismo, pânico, etc.) e por fatores objetivos (baixa produtividade, diminuição do salário líquido já que o trabalhador terá que pagar um sistema de previdência privada o qual não garante que após a contribuição de um número “t” de anos a empresa não venha a decretar falência e o empregado não tenha mais sequer nenhum direito sobre a aposentadoria). Sem falar na imoralidade de privatizar-se um setor, o que implicaria em enormes vantagens para o capitalista o quanto mais rápido falecesse o trabalhador após terminar a sua contribuição. Neste caso, o único beneficiado é o empresário do setor previdenciário (o Bradesco Previ - um dos mais lucrativos e rentáveis do momento, estima um lucro de 40 bilhões para o ano de 1999). A privatização desse setor representa um aumento de custos para o trabalhador e também para o capitalista que terá que calcular um novo salário de subsistência.

O setor de educação também é importante para ambas as partes. Em um mundo globalizado, a competitividade do mercado e o risco dos investimentos são muito elevados, dado o grande número de variáveis objetivas e subjetivas que explicam os fatores risco e competitividade, como por exemplo: atuação do Governo e dos agentes privados, psicologia

de massas, comportamento dos consumidores, grau de endividamento dos agentes públicos e privados, capacidade de honrar os compromissos, capacidade das equipes econômicas de fazer política monetária e fiscal, possibilidade de golpes de Estado com tendências radicais, nível de educação da população, exigência salarial, grau de abertura das fronteiras, etc. Logo, vivemos num mundo muito mais complicado de se entender do que um simples país fechado, com isso a educação torna-se de extrema importância principalmente para o capitalista, já que seus funcionários tornarão as empresas mais competitivas a nível mundial. Sob dois aspectos a educação influencia a classe trabalhadora:

- 1- Dado o contínuo e crescente exército industrial de reserva, trabalhadores qualificados competem com os menos qualificados e não recebem o salário adequado;
- 2- O aumento no nível educacional possibilita maiores chances individuais, mas não o aumento global de postos de trabalho.

Com esses dois aspectos é possível mostrar a maior vantagem para o capitalista com o desenvolvimento deste setor.

### **COMPOSIÇÃO DO PREÇO DA MERCADORIA**

#### **Exemplo Numérico**

$$MP = 5x$$

$$DP = 1x$$

$$FT = 6x$$

$$\text{Custo Total} = 12x \quad \text{Preço} = 12x + \Delta x \quad \Delta x = \text{mais valia}$$

Sendo  $T_i$  o número de vezes que o capitalista repete o ato de circulação (D---M...P...M'---D'), o  $\sum T$  permite a acumulação de  $\Delta x$ , logo é por este fato que através de vários saltos quantitativos, o capitalista consegue dar o salto qualitativo.

### **COMPOSIÇÃO DO VALOR DE SUBSISTÊNCIA DA FT**

$$\text{Alimentos (AL)} = 0.30 x$$

$$\text{Moradia (MO)} = 0.20 x$$

$$\text{Saúde (AS)} = 0.15 x$$

$$\text{Educação (ED)} = 0.15 x$$

$$\text{Previdência (SS)} = 0.20 x$$

Logo,  $1x$  é o  $V_t$  do trabalhador individual pelo período de um mês, isto é, seu valor de subsistência ( $V_s$ ), sendo assim o custo total (CT) mensal com a FT, é  $1x$  vezes o número total de trabalhadores (N).

Todos os custos são repassados para os preços das mercadorias pelos capitalistas, através das transferências de valores das MP; e das máquinas e equipamentos (depreciação)

para as novas mercadorias. Essa transferência de valor é feita pela FT que ainda cria um valor necessariamente maior do que o seu  $V_t$ . Esse acréscimo de valor é “m” ou  $\Delta x$ .

O  $\Delta x$  é a diferença entre o  $V_t$  da FT e o valor criado pelo seu  $V_u$ , logo, o tamanho absoluto do  $\Delta x$  unitário depende do parâmetro  $\psi$  e do custo da FT que é o seu  $V_t$ . Com isso, tem-se que quanto menor o custo de subsistência da mão-de-obra ( $V_t$ ), maior o lucro do capitalista (*ceteris paribus*).

Concluindo: seja  $\theta$  um parâmetro que indica o grau de intensidade, qualidade e abrangência do serviço social gratuito oferecido pelo Governo. Quanto mais próximo de zero, mais serviços sociais são oferecidos pelo Governo, sendo assim o  $\pi$  (lucro) é dado por:

$$\pi = p - \theta T_i V_t - MP - \beta ME$$

Se o  $\theta$  diminuir, decresce o custo com a FT e aumenta o  $\pi$ . Se o gasto do trabalhador aumentar com qualquer um dos componentes do  $V_t$  de sua FT, ou seja, se diminuir a oferta dos serviços sociais por parte do Governo, diminui o  $\pi$ .

## CONCLUSÃO

O fato de estar sendo aplicada a Teoria Marxista, não significa que o artigo seja um protesto cego contra todas as privatizações, trata-se de um alerta a uma contradição cometida pelos capitalistas contra si próprios além de prejudicarem os trabalhadores e o sistema como um todo. O modelo ideal de privatizações não é a pretensão deste trabalho. Modelos de intervenção total por parte do Estado já estão ultrapassados, atualmente, os países comportam-se como espaços de um mundo globalizado em uma economia mundial de mercado, logo o papel dos agentes privados é de extrema importância, mas por mais liberal que possa ser o comportamento dos agentes econômicos, é enganosa e particular as vantagens da privatização dos setores da saúde, educação e previdência; sendo muito prejudicial para a classe trabalhadora, mas também coloca-se contra a essência capitalista minimizadora de custos. Ao pressionar a privatização de fatores que compõe o valor de subsistência da classe trabalhadora e por consequência um aumento de seu  $V_t$ , o capitalista está pressionando um aumento em seus próprios custos e com isso, sem se dar conta, agindo contra seus interesses.

Vimos que o  $V_t$  da FT é calculado historicamente pelo seu valor de subsistência, isto é, o básico necessário para se manter uma classe trabalhadora produtiva, mas que nunca passe o BREAK CLASS e jamais vire capitalista. Os fatores que compõem esses elementos básicos de subsistência são: alimentação, moradia, saúde, educação, previdência e lazer mínimo; logo se esses fatores compõem o custo da mão-de-obra e se é por esse valor que ela é negociada, é uma contradição que os capitalistas pressionem a privatização desses setores, associado ao sucateamento dos mesmos por parte dos Governos para convencer a mídia e a população de que é a melhor saída.

Suponha dois países A e B, sendo que no país A o Governo oferece grande quantidade de serviços a população, e no país B oferece poucos serviços. Por hipótese, o total de impostos é igual tanto em A como em B, não existindo correlação entre impostos e serviços públicos prestados. Outra hipótese é que os países A e B participem de um mercado mundial competitivo, estando abertos a investimentos estrangeiros. Assim sendo, um empresário teria a opção de investir (investimento direto) em A ou em B. Se este investimento não for nos



setores sociais, qual a melhor opção para o empresário: dispor de trabalhadores que tenham acesso a saúde, educação, previdência, etc; oferecidos pelo Estado ou que estes fatores tenham que ser incorporados ao custo da FT, já que não seria conveniente para a produtividade do sistema que os trabalhadores fossem vulneráveis a doenças, não tivessem um bom nível de educação e vários outros motivos. Isso demonstra um tipo de contradição, já que os custos dos empresários aumentariam.

Não existe desonestidade no ato da compra da FT pelo seu  $V_t$ . Como qualquer outra mercadoria, ela é adquirida pelo seu  $V_t$  e utilizada pelo seu  $V_u$  que gera para o capitalista um valor a mais. Esse fato permite o processo contínuo de acumulação capitalista. Sem entrarmos na ótica do trabalhador e de suas desvantagens com a privatização dos serviços sociais, nem entrar na ótica da exploração através dos processos de mais-valia absoluta e relativa, a intenção deste artigo é mostrar o engano por parte do sistema em não entender as vantagens desses serviços serem oferecidos pelo Governo. Mesmo os modelos mais liberais pregam a privatização de quase todos os setores da economia menos os das áreas sociais, mas nem estes estão sendo preservados em países como o Brasil, onde o Governo e agentes privados associados a uma das mídias mais poderosas do mundo, convencem a população de que a melhor saída é a privatização quase total, fazendo com que a sociedade sem se dar conta, comece a agir contra seus próprios interesses. Um exemplo é a estranha e insistente tentativa de convencer a população de que o setor público é em geral inviável e o maior responsável pelas crises, conseguindo assim o apoio popular para que o Governo deixe de prestar esses serviços passando para a iniciativa privada. Sendo assim, essa mesma população terá que pagar uma volumosa soma para ter acesso a esses serviços privados.

Os únicos beneficiados com a privatização dos setores sociais são as empresas que adquirem o direito de operarem nestes imensos e lucrativos setores. Para o resto é uma desvantagem e principalmente uma contradição se visto pelo lado do interesse maior dos capitalistas que é a minimização de custos e a maximização de lucro. Conclui-se que seria bem melhor para o sistema em geral, por mais liberal que seja, que os serviços sociais sejam públicos e com qualidade. Com isso, o Governo proporcionaria para as empresas, instaladas em seu território, um trabalhador mais barato permitindo-lhes uma vantagem competitiva a um nível global. Isso seria um fator de forte atratividade para os investimentos diretos.

É comum notarmos, atualmente, que os Governos estão diminuindo suas atuações e os salários não estão aumentando, fato que seria contrário ao exposto acima. Isso pode ser explicado pelos altos índices de desemprego e pelo grande investimento em alta tecnologia, fatos que não permitem nenhum tipo de pressão por parte dos trabalhadores e diminuem sensivelmente a dependência do capital com o trabalho em larga escala. A Teoria Marxista foi escrita em uma época onde esses fatos não eram expressivos, o que diminui seu grau de explicação para os tempos modernos, onde a Teoria do Valor teria que ser revista já que não é só a FT que aumenta o valor das mercadorias.

## BIBLIOGRAFIA

BABBAGE, Charles. On the Economy of Machinery and Manufactures. In: Berg, Maxine (edit.) Technology and Toil in XIXth Century Britain. CSE Books: Londres, 1979.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX. Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1987. 3<sup>o</sup> ed.

LITTLER, Craig R. The Development of the Labour Process in Capitalist Societies. Gower Publishing Company Limited: Aldershot, 1986.

MARGLIN, Stephen. Origem e Funções do Parcelamento de Tarefas. Para que servem os padrões? In: Gorz, André (organizador). Divisão Social do Trabalho e Modo de Produção Capitalista. Publicações Escorpião: Porto, 1976.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política – Livro Primeiro: o processo de produção do capital. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 15<sup>o</sup> ed.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política – Livro Segundo: o processo de circulação do capital. São Paulo: Difel, 1983. 4<sup>o</sup> ed.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política – Livro Terceiro: o processo global de produção capitalista. São Paulo: Difel, 1983. 4<sup>o</sup> ed.

URE, Andrew. The Philosophy of Manufacture. In Technology and Toil in XIX Century Britain. Op. Cit.

WOOD, Stephen. The Degradation of Work? Hutchinson: London, 1983.